



Realce: corpo e sociedade nas canções de Gilberto Gil

Cláudio Delunardo Severino¹; 0000-0002-7026-3477
Jandelis Rocha Ferreira¹; 0000-0002-7394-7778

1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.
claudiodelunardo@gmail.com (contato principal)

Resumo: O corpo representa a comunicação do indivíduo com o meio no qual ele está inserido. A imagem corporal pode ser considerada como aquilo que o indivíduo percebe a respeito do seu tamanho, sua forma, sua estrutura e contorno do seu próprio corpo, bem como os sentimentos que são provocados com a sua relação a essas questões. O presente artigo tem como objetivo analisar as concepções acerca da IC e as representações sociais do corpo, estabelecendo como referência as músicas do álbum *Realce*, de autoria do cantor e compositor Gilberto Gil. A metodologia emprega para a realização do estudo apresenta uma natureza qualitativa por intermédio de uma pesquisa bibliográfica de nível exploratório e de caráter analítico, além de estabelecer uma relação entre os conceitos de diversos autores a respeito do tema proposto. Para tal, empregou-se a metalinguística de Bakhtin (2016), sendo estabelecida a concepção do álbum *Realce*, sete de suas nove canções e a interpretação das temáticas apresentadas acerca do corpo e alguns dos seus significados, explicitando, assim, a relação construída entre ele e a música. Percebeu-se que em suas canções, Gil apresenta uma visão do corpo a partir do seu invencionismo inspirado naquilo que o indivíduo consegue estabelecer como conectividade com o contexto no qual está inserido, definindo-o, assim, como um ser único. Pensar no corpo por intermédio da obra de Gilberto Gil nos remete à necessidade de percebermos o nosso corpo não apenas sob as perspectivas fisiológica e biológica, mas também a sua extrema relevância como corpo-político e corpo-sujeito, no sentido de assumirmos um papel de significância em uma sociedade que, urgentemente, carece da necessidade de se reconhecer como plural e igualitária.

Palavras-chave: Corpo. Sociedade. Gilberto Gil. Imagem corporal.



INTRODUÇÃO

O corpo representa a comunicação do indivíduo com o meio no qual ele está inserido. Para Souza e Alvarenga (2016), a imagem corporal (IC) pode ser considerada como aquilo que o indivíduo percebe a respeito do seu tamanho, sua forma, sua estrutura e contorno do seu próprio corpo, bem como os sentimentos que são provocados com a sua relação a essas questões. As mesmas autoras observam ainda que a IC é constituída pode ser dividida em duas dimensões, a saber, a perceptiva na qual se define a concepção acerca do tamanho, forma e peso corporais e, também, a dimensão atitudinal que consiste nos componentes afetivo, cognitivo e comportamental.

Ainda no que se se refere à IC, considera-se que os indivíduos passam a avaliar seus corpos por intermédio da sua interação com o ambiente, da mesma maneira que a autoimagem é constantemente reconsiderada no decorrer da vida, entretanto, os conceitos preestabelecidos por uma ordem social influenciam as necessidades de cada ser humano, fazendo com que, em diversas ocasiões, ocorram pressões para a concretização do que é considerado como “corpo ideal” pela nossa cultura (RUSSO, 2005). Nesse sentido, Lopes (2012) aponta que se o corpo pode ser visto como uma representação social, isso ocorre devido ao fato de que ele - o corpo - carregar uma carga considerada de tensão, de conflito em consonância com as suas diferentes perspectivas críticas diante dos valores sociais e elementos de variadas culturas.

A intenção em analisar a IC e sua representação social a partir das canções de Gilberto Gil emerge diante das suas características que, segundo Lopes (2012), apresenta uma reflexão acerca das representações do corpo e seus valores socioculturais.

É possível que, para Vilar e colaboradores (2022), Gilberto Gil dispense apresentações. O menino que nasceu no sertão e se tornou Ministro da Cultura. O artista, poeta, cantor, escritor e intelectual que foi perseguido pela ditadura. O preso e exilado, o Doce Bárbaro, o filho de Xangô e também de Ghandy, o pai, o avô, enfim, trata-se de uma tarefa árdua apresentar tantos Gilbertos.



O artista baiano Gilberto Passos Gil Moreira, ou simplesmente Gilberto Gil, construiu a sua trajetória na qual em diversas ocasiões indicou reflexões acerca dos temas mais variados, desde a cultura popular até a relação de ciência com a arte, utilizando a conjunção da melodia com o canto, a harmonia, a voz e as palavras. Além disso, é possível considerar também as suas expressões corporais e gestualidade que o transformaram em um artista ímpar do universo musical brasileiro (CARVALHO, 2013).

O presente estudo apresenta como objetivo analisar as concepções acerca da IC e as representações sociais do corpo, estabelecendo como referência as músicas do álbum *Realce*, de autoria do cantor e compositor Gilberto Gil. Nesse sentido, a realização da pesquisa se justifica pela sua possibilidade em se constituir como um instrumento para o debate entre acadêmicos e profissionais no que tange à relevância do corpo como instrumento para a construção de uma identidade.

MÉTODOS

A metodologia apresenta uma natureza qualitativa por intermédio de uma pesquisa bibliográfica de nível exploratório e de caráter analítico, além de estabelecer uma relação entre os conceitos de diversos autores a respeito do tema proposto. Para tal, empregou-se a metalinguística de Bakhtin (2016), sendo estabelecida a concepção do álbum *Realce*, sete de suas nove canções e a interpretação das temáticas apresentadas acerca do corpo e alguns dos seus significados, explicitando, assim, a relação construída entre ele e a música.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O corpo

As nossas relações com o corpo podem ser diretamente influenciadas por uma diversidade de fatores socioculturais que fazem com que os indivíduos se preocupem com a IC. Essa preocupação resulta em dietas nem sempre orientadas, exercícios físicos inadequados e



cuidados com a aparência visual (DAMASCENO et al., 2006; SECCHI et al., 2009). Damasceno e colaboradores (2006, p. 82) comentam ainda que a IC pode ser definida “como uma construção multidimensional que descreve amplamente as representações internas da estrutura corporal e da aparência física, em relação a nós mesmos e aos outros”.

Esses fatores socioculturais, por exemplo, a mídia, posição social ou até mesmo a opinião alheia, levam os indivíduos a adotarem hábitos sem que se perceba o que é produzido ou reproduzido, fazendo com que a produção e o consumo sejam processos naturais para a mera satisfação das necessidades associadas ao corpo e a sua imagem (FARIAS, 2004).

Quando se percebe o corpo humano como um campo para investigação, o conceito de IC é utilizado com frequência, pois este está diretamente associado ao corpo e a sua imagem, e que sua definição não se trata como uma questão de linguagem, “tem uma dimensão muito maior, se pensarmos na subjetividade de cada indivíduo” (RUSSO, 2005, p. 81).

O roteiro

O álbum *Realce*, de autoria de Gilberto Gil, foi produzido pela WEA, em 1979, e possui 9 canções, cujos títulos são elencados no Quadro 1.

Quadro 1: Títulos e compositores das canções do álbum ‘Realce’

01. Realce	06. Rebento
02. Sarará Miolo	07. Toda Menina Baiana
03. Super-Homem – a canção	08. Logunedé
04. Tradição	09. Não Chore Mais
05. Marina	

Observa-se que todas as canções são de autoria de Gilberto Gil, com exceção de “Marina”, que é de autoria de Dorival Caymmi. Além dessa, a canção “Não Chore Mais”, embora seja da autoria de Gil, se trata de uma versão da música composta por Vincent Ford.



O show

Realce

Na primeira canção do álbum, “Realce”, se nota, segundo Lopes (2012), a simbologia estética do corpo diante da visão de Gilberto Gil: “Realce, realce, quanto mais purpurina melhor/ com a cor do veludo/ de real teor de beleza”. Uma estética analítica que, na visão mesmo autor, busca compreender a política e a poesia do corpo que “com a sensação do brilho, que de repente brilhará.

Esse modelo estabelecido para uma suposta beleza pode ser compreendido como uma marca concebida com o intuito de ser reconhecida na sociedade como um instrumento de hierarquia e, diante disso, o corpo acaba por sofrer transformações nas quais ele termina por ser dominado por fatores externos (LORENSONI et al., 2012). Sobre isso, Brandes e Souza (2012) afirmam que o corpo é influenciado pela existência de imagens que propõem determinados padrões de representação corporal, deixando de ser um aspecto de identidade natural para ser identificado pela transformação.

Sarará Miolo

Gil também apresenta uma discussão no que tange à sua afrodescendência, com os seus cabelos em trança que se faz presente na canção “Sarará Miolo”, na qual o compositor apresenta a poesia em consonância com a cura: “Sara, sara, sara cura, dessa doença de branco de querer cabelo liso já tendo cabelo louro. Cabelo duro é preciso que é pra ser você, crioulo”. Na letra da música, é possível constatar as defesas e as resistências vinculadas ao preconceito racial, necessárias para transformar esse comportamento ‘doente’ em uma maneira de refletir sobre os problemas sociais (LOPES, 2012).

E a respeito do preconceito racial, segundo Silva e Paula (2020), ele reafirma na sociedade o lugar metafórico no qual é reservado ao indivíduo negro um espaço caracterizado pela inferioridade e pelo desrespeito. Nesse caso, as diversas manifestações discriminatórias ocorridas na sociedade podem desvirtuar o verdadeiro conhecimento do papel do indivíduo negro na condição de cidadão, de pertencer a um determinado grupo social.



Nota-se, nesse caso, o relevante papel exercido pelo corpo no que tange à hierarquização racial e a uma suposta supremacia promovida pelo homem branco e contrária às inerências da raça negra, por exemplo, os seus cabelos em trança. A respeito dessa supremacia, Tralci Filho e Santos (2020) contribuem com o conceito de que esta representa um sistema de produção, reprodução e a perpetuação de determinadas hierarquias contidas na sociedade, essas inspiradas na ‘racialização’ de determinados grupos. Ressalta-se que a concretização dessa supremacia é assegurada por uma ideologia inspirada em uma superioridade ética, estética e intelectual que estabelece a identidade racial branca como referência.

Com o intuito de estabelecer um rompimento dessa hipotética supremacia inspirada em uma ideologia reducionista, Silva e colaboradores (2020) apontam a necessidade de discutir uma educação corporal que se desvincule de um discurso dominante e encontre o caminho de um corpo próprio. Essa discussão deve, segundo os mesmos autores, estar alicerçada na maneira do corpo habitar o mundo, bem como a sua forma de se expressar, ou seja, renunciar ao conceito de corpo-objeto em prol do corpo-existência.

Super-Homem – A Canção

Nos versos de “Super-Homem – A Canção”, Gil enfatiza o que Lopes (2012, p. 45) considera como a “eficácia de mobilização do múltiplo” na qual é exposta a crise associada ao binarismo homem/mulher: “Um dia vivi a ilusão que ser homem bastaria, que o mundo masculino tudo me daria do que eu quisesse ter. Que nada, minha porção mulher que até então se resguardara e a porção melhor que trago em mim agora, é a que me faz viver”.

No cenário social, ainda pode ser percebida a visão da mulher ‘ideal’ aquela que era a mãe dedicada e que tinha no lar o seu devido lugar, apresentando sempre um comportamento doce e servil, bem distante da esfera política e do campo das decisões associadas ao destino da sociedade (DAVIS, 2016). Porém, a canção apresenta em seus versos um corpo que busca a visibilidade na esfera social, com a mulher não sendo mais um complemento do homem, mas sim um suplemento (LOPES, 2012). Firmino (2019) reforça essa questão ao apontar a necessidade de um rompimento com determinados paradigmas acerca da



ocupação de espaços pelas mulheres em todos os âmbitos. No entendimento da referida autora, o entendimento a respeito do corpo, os seus direitos e as suas ambições por parte das mulheres estabelecem a necessidade da relação entre gênero e desenvolvimento.

Tradição

Na letra da canção “Tradição”, Gil resalta a IC e sua relação com a peculiaridade de se vestir, ressignificando o corpo e a sua essência a partir das características individuais, como nos versos: “Um rapaz muito diferente, inteligente no jeito de pongo no bonde. E diferente pelo tipo, de camisa aberta e certa calça americana arranjada de contrabando”. Nessas palavras, percebe-se a ascensão de um corpo por meio do hábito de se vestir, que faz do rapaz, um ser ‘diferente’, compreendido não apenas pelas suas vestimentas, mas também pela sua maneira de caminhar e subir no bonde. Segundo Le Breton (2003), a relação entre o indivíduo e o corpo ocorre a partir do domínio de si e de sua aparência, caracterizando-se pela modelagem da sua imagem e de sua saúde potencial.

Para Lorensoni e colaboradoras (2012), a forma de se vestir estabelece uma relação direta com o corpo, pois se este não existisse, a moda não conseguiria atender as necessidades individuais de cada indivíduo. E em se tratando de moda, percebe-se que ela não se restringe apenas a cobrir o corpo, mesmo que ela tenha um forte vínculo com a forma de se vestir. Ela também pode ser associada a uma construção explícita de estilo, que pode ir desde uma IC moldada por maquiagens e tatuagens até o ‘jeito diferente de pongo o bonde’.

A identidade cultural do indivíduo se faz presente em seu corpo e é produzida sob a forma de informações que são produzidas pelo estilo adotado por cada um. Nesse sentido, nota-se que o comportamento individual e a sua conexão com cultura representam aspectos que podem ser identificados nos corpos, fazendo deste um instrumento de comunicação entre os seres humanos (BRANDES; SOUZA, 2012).

Marina

Na canção “Marina”, de Dorival Caymmi, o corpo da mulher é diretamente vinculado à temática exposta na música. A moça da pele morena que “já é bonita com o que Deus lhe



deu”, e que, por isso, tem rejeitada a maquiagem em seu rosto, mas que ao mesmo tempo não lhe negado o direito de se maquiar. Na canção, a moça Marina resiste à oposição de seu suposto amante, que terá que suportar, zangado, o seu belo rosto realçado pela maquiagem (LOPES, 2012).

Dois relevantes aspectos a serem considerados. O primeiro é o suposto padrão de beleza exposto na letra da música, com ênfase no anseio em se tornar bela por meio da maquiagem. Uma beleza ‘ideal’ que, para muitas pessoas, se torna alcançável somente após uma pintura ou a modificação do desenho do rosto, refazendo, portanto, aquilo que previamente foi estabelecido pelo código genético da pessoa (REINALDO, 2021).

Nos versos “Não pinte esse rosto que eu gosto e que é só meu” e “Me aborreci, me zanguiei, já não posso falar. E quando eu me zango, Marina, não sei perdoar”, nota-se a presença de um assédio psicológico que invariavelmente resulta em problemas associados à saúde mental e física da vítima (GUIMARÃES, RIMOLI, 2006). Nesse segundo aspecto, observa-se uma relação de poder que, no entendimento de Andrade e Assis (2018), é alicerçada em uma perspectiva social e histórica, onde os vínculos afetivos são pontos importantes para que se compreenda a relação de poder que se faz presente entre duas pessoas. Nota-se, portanto, a presença de uma hierarquia estabelecida pelo discurso hegemônico que apresenta o homem sempre em uma condição superior à mulher.

Trata-se, portanto, de partir da experiência para entender como os sujeitos lidam com as hierarquias e o status no ambiente de trabalho, buscando apreender como se relacionam com as forças coercitivas entre os grupos e também com os abusos de poder.

Toda Menina Baiana

A menina que nasceu na Bahia de Gilberto Gil tem características peculiares. Na letra da música, ela tem: “... encantos que Deus dá, um jeito que Deus dá, tem defeitos que Deus dá”, demonstrando que por ela ser ou pertencer a um determinado lugar, apresenta uma identificação associada aos padrões culturais dessa sociedade, bem como seus aspectos sócio-históricos. Sobre isso, Tanure (2010) comenta que que essa identificação não é



formada, mas sim construída, pois o indivíduo necessita se sentir pertencendo a lugar ou a um grupo para que seja possível o surgimento de vínculos que agrupam indivíduos diferentes em um mesmo aspecto.

Na canção, a 'baianidade' é apresentada como peculiar a todas as meninas que nascem na Bahia, algo peculiar ao povo baiano e que surge em consonância com ele. Entretanto, esse termo é estabelecido a partir de uma construção social que não leva em consideração as peculiaridades de um povo, representando-o a partir de selos homogeneizantes (TANURE, 2010; ALVAREZ, 2020).

Alvarez (2020) afirma ainda que a construção supramencionada se refere a um discurso que regula os corpos e os sujeitos que não significa propriamente a essência de um povo, mas apenas "construções sócio-históricas discursivas" (ALVAREZ, 2020, p. 32).

Assim, a canção apresenta as características da menina baiana como naturais e homogeneizadas a partir da ideia (a ideologia do discurso) de que os seus encantos e maneiras são características das mulheres nascidas na Bahia, assim como os seus defeitos.

Logunedé

Logun Edé, na mitologia afro, o filho de Oxum e Oxóssi, aquele que é o guardião das águas dos rios. Segundo Soares (2020), o orixá que vive em uma constante transformação e que vive a diferença em si próprio, reinventando-se e modificando a todos que estão ao seu redor na esperança de contribuir para um mundo melhor.

Na canção "Logunedé", Gilberto Gil floresce o debate a respeito da identificação sexual, apresentando o orixá com traços femininos: "É de Logunedé a doçura, tanta ternura", mas também traços peculiares do masculino: "Astúcia de caçador, paciência de pescador, é sabido demais". Nesse caso, a hegemonia do discurso binário que envolve as identidades sexuais, associando o orixá à bissexualidade (LOPES, 2012).

Na perspectiva do autor acima mencionado, as imagens e identificações do corpo são estabelecidas cultural e historicamente diante da necessidade de se criar os sujeitos sociais,



bem como os seus valores simbólicos. Entretanto, o corpo deve ser percebido como a representação de nossa própria identidade, o que leva a compreensão de que ele não é apenas biológico, a considerar uma relação entre a natureza e a cultura resulta na construção onde são estabelecidos sinais associados ao tempo, espaço, etnias e grupos sociais (SEVERINO; GRANDE, 2017).

Diante do discurso hegemônico e binário que estabelece as identidades sexuais e a necessidade da criação de sujeitos sociais de acordo com o que o seu corpo se apresenta no âmbito biológico, a canção “Logunedé” apresenta um corpo que rompe, se espalha e se expande além desses conceitos, apresentando-se com diferenças que não são vinculadas a identidades fechadas (LOPES, 2012).

CONCLUSÕES

Buscou-se no presente estudo uma interpretação das músicas presentes no álbum Realce, de Gilberto Gil, a partir da temática relacionada ao corpo, sua imagem e sua representação social. Assim, percebeu-se que uma visão do corpo como uma forma de identidade construída a partir de diversos signos, por exemplo, a maneira de se vestir, de se comportar, na sua localidade, de se relacionar com o próximo, de se manifestar contra os preconceitos e negações provenientes de uma sociedade que nem sempre consegue lidar com aquilo que pode ser compreendido como ‘deferente’.

Em suas canções, Gil apresenta uma visão do corpo a partir do seu invencionismo inspirado naquilo que o indivíduo consegue estabelecer como conectividade com o contexto no qual está inserido, definindo-o, assim, como um ser único.

Pensar no corpo por intermédio da obra de Gilberto Gil nos remete à necessidade de percebermos o nosso corpo não apenas sob as perspectivas fisiológica e biológica, mas também a sua extrema relevância como corpo-político e corpo-sujeito, no sentido de



assumirmos um papel de significância em uma sociedade que, urgentemente, carece da necessidade de se reconhecer como plural e igualitária.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, P. H. Toda menina baiana tem um jeito? Corpo, memória e discurso sobre a mulher baiana em postagens na internet. In: **Linguagem, discurso e sociedade: caminhos que se entrecruzam** / Celina Márcia de Souza Abbade, Cristina dos Santos Carvalho, Elisângela Santana dos Santos (Orgs.). Salvador: EDUFBA, 2020

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRANDES, A. Z; SOUZA, P. M. Corpo e Moda pela Perspectiva do Contemporâneo. **Projética Revista Científica de Design**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 119-129, 2012

CARVALHO, P. H. V. **A voz que canta na voz que fala: poética e política na trajetória de Gilberto Gil**. São Carlos: UFSCAR, 2013. 296 f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, 2013

DAMASCENO, V. O. et al. Imagem corporal e corpo ideal. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Brasília, v. 14, n. 2, p. 81-94, 2006

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo-SP: Boitempo, 2016

FARIAS, R. C. P. **Nos bastidores da moda: um estudo sobre representações de vestuário e de imagem corporal por um grupo de pré-adolescentes**. Viçosa: UFV, 2004. 157 f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, 2004

FIRMINO, C. B. Empoderamento e relações de poder: a cobertura feminista da Copa do Mundo da Rússia pelo projeto *dibradoras*. **FuLiA / UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 23-38, jan./abr., 2019



GUIMARÃES, L. A. M; RIMOLI, A. O. “Mobbing” (Assédio Psicológico) no Trabalho: Uma Síndrome Psicossocial Multidimensional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, pp. 183-192, 2006

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: Antropologia e Sociedade, Papyrus, 5 ed. 2003

LOGUNEDÉ. Intérprete e compositor: Gilberto Gil. In: REALCE. Intérprete: Gilberto Gil. Rio de Janeiro: WEA, 1979. 1 CD

LOPES, C. **Gilberto Gil**: a poética e a política do corpo. São Paulo: Perspectiva, 2012

LORENSONI, M. R. et al. O corpo na moda. **Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia, UFG, FAV, 2012

MARINA. Intérprete: Gilberto Gil. Compositor: Dorival Caymmi. In: REALCE. Intérprete: Gilberto Gil. Rio de Janeiro: WEA, 1979. 1 CD

REALCE. Intérprete: Gilberto Gil. Rio de Janeiro: WEA, 1979. 1 CD

REALCE. Intérprete e compositor: Gilberto Gil. In: REALCE. Intérprete: Gilberto Gil. Rio de Janeiro: WEA, 1979. 1 CD

REINALDO, G. Das cavernas às prateleiras: sobre pigmentos, maquiagens e filtros. **Galáxia**, São Paulo, n. 46, p. 1-24, 2021

RUSSO, R. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.5, n.6, p. 80-90, jan./jun. 2005

SARARÁ MIOLO. Intérprete e compositor: Gilberto Gil. In: REALCE. Intérprete: Gilberto Gil. Rio de Janeiro: WEA, 1979. 1 CD

SEVERINO, C. D; GRANDE, R. C. B. Educação física escolar, homossexualidade e o reconhecimento da diversidade: um ponto de vista. **Revista Anthesis**, Cruzeiro do Sul, v. 5, n. 9, Jan./ Jun.. 2017



SILVA, F. H. A.; PAULA, P. A. F. A psicologia do esporte e os impactos do racismo na subjetividade do jogador de futebol negro. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, Belo Horizonte – MG, v. 5, n. 10, p. 116-135, jul./dez. 2020

SILVA, V. S. et al. Um ensaio sobre a questão racial no esporte. **Motrivivência**, Florianópolis – SC, v. 32, n. 63, p. 1-17, 2020

SOARES, E. L. R. Mãe Valéria de Logun Edé: o intenso devir do futuro. **Revista Sísifo**. n. 11. Jan./Jun., 2020. Disponível em: <<http://www.revistasisifo.com/2020/07/mae-valeria-de-logun-edé-o-intenso.html>>. Acesso em: 10 Junho 2023

SOUZA, A. C; ALVARENGA, M. S. Insatisfação com a imagem corporal em estudantes universitários – Uma revisão integrativa. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p. 286-299, 2016

SUPER-HOMEM – A CANÇÃO. Intérprete e compositor: Gilberto Gil. In: REALCE. Intérprete: Gilberto Gil. Rio de Janeiro: WEA, 1979. 1 CD

TANURE, M. G. A. Identidade, globalização e baianidade. **Direito Unifacs – Debate Virtual**, Salvador, n. 26, 2010

TODA MENINA BAIANA. Intérprete e compositor: Gilberto Gil. In: REALCE. Intérprete: Gilberto Gil. Rio de Janeiro: WEA, 1979. 1 CD

TRADIÇÃO. Intérprete e compositor: Gilberto Gil. In: REALCE. Intérprete: Gilberto Gil. Rio de Janeiro: WEA, 1979. 1 CD

TRALCI FILHO, A.; SANTOS, A. O. Esporte, psicologia e racismo: é possível uma psicologia do esporte antirracista? **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília – DF, v. 40 (n. spe), p. 1-14, 2020

VILAR, A. B. et al. Um oríki do meu velho orixá: os diálogos entre ciência e arte na obra de Gilberto Gil. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 28, e22029, 2022